

SINDICALISTAS



AS MULHERES QUE OPTARAM PELA LUTA

Notas e recados



MERCADO DE TRABALHO – 1
A participação feminina no mercado de trabalho no ABC passou de 23% para 41% em 32 anos, segundo o Instituto de Pesquisa da USCS, Inpes.



MERCADO DE TRABALHO – 2
Atualmente, 29% das famílias da região são chefiadas por mulheres. Na indústria, em 2007, 21,8% eram trabalhadoras, em 2016 subiu para 24%.



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO – 1
Pesquisa realizada em escolas públicas de Ensino Médio em São Paulo aponta que 46% acreditam que há certos trabalhos que devem ser realizados só por homens.



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO – 2
Mais de um terço dos estudantes e professores responderam que a mulher é mais capacitada para o trabalho doméstico do que os homens.



GREVE EM MINAS
Desde 8 de março, trabalhadoras da educação pública estadual de Minas Gerais fazem greve em todo o estado pelo cumprimento do piso salarial.



HOJE, ÀS 20h30



ELAS REPRESENTAM!

“Para promover um debate consciente nas ruas e nas fábricas, inclusive sobre igualdade de gênero, as trabalhadoras e trabalhadores, representantes do Sindicato, precisam estar bem preparados e informados, e a Formação está aqui para ampliar essa conscientização”, Michelle Marques, diretora executiva, responsável pela Formação e CSE na Volks

“A mulher tem que ocupar espaços na mesa de negociação de Campanha Salarial porque nada melhor do que a mulher para falar sobre as suas próprias questões. É uma luta histórica. Por mais que os companheiros sejam sensíveis às causas, os detentores do capital não são”, Maria do Amparo Ramos, CSE na Samot

“Nas negociações de Campanha Salarial, conseguimos manter cláusulas sociais, como licença de 180 dias e auxílio creche, e avançar. As grávidas não podem ficar em local insalubre, como a reforma Trabalhista liberou. É muito importante ter mulheres na mesa de negociação para defender os direitos”, Maria Gilsa Macedo, CSE na TRW

“A palavra unidade tem uma forte simbologia para o movimento sindical. Temos o desafio de debater e conscientizar a base sobre as pautas que representam nossas necessidades. A Comissão tem demonstrado isso no dia a dia do Sindicato”, Andrea Ferreira de Sousa, a Nega, coordenadora da Comissão das Metalúrgicas do ABC e CSE na Apis Delta

“O desafio com a Indústria 4.0 é que todo processo de modernização tem perda de postos de trabalho. A preocupação maior é da mulher, que é mãe, tem licença maternidade, cuida dos filhos, e tem patrão que reduz o que acha que dá mais trabalho para ele”, Cristina Aparecida Neves, a Cris, CSE na Mercedes

“O feminicídio está gritando. Tem mulher que sofre violência pelo simples fato de ser mulher. A Lei Maria da Penha é eficaz, mas ainda tem que melhorar em agilidade. Ser CSE é defender as mulheres não só no chão de fábrica, mas em todos os aspectos da vida”, Mércia Silva Rodrigues, CSE na Kostal

“A luta é para que todas as mulheres, não só hoje, mas todos os dias, sejam livres de qualquer violência e que não seja negado o direito à vida. O assassinato da companheira Geyse, quando chegava para trabalhar na Revoluz, nos lembra sempre que o combate à violência contra a mulher é permanente”, Geane de Sousa Silva, CSE na Revoluz

“Temos que estar atualizadas para representar os trabalhadores. A Indústria 4.0 vai ser uma mudança tremenda. Temos que acompanhar o desenvolvimento do processo e debater os postos de trabalho. Não é só investir em máquinas. A luta das mulheres por espaço é longa e não dá para voltar atrás”, Tereza Oliveira, CSE na Scania

“Em pleno século 21, ainda há desigualdade de gênero nas empresas. É difícil ver uma mulher em cargo de chefia, como se fosse incapaz, um mito do machismo de que lugar de mulher é em casa cuidando do lar. A mulher é versátil, criativa, pró-ativa e faz acontecer”, Cecília Silva Toledo, CSE na Masaflex

“Quando uma mulher ocupa um cargo de liderança, a sociedade tem um crivo mais rígido. Como representante sindical, para fazer uma boa liderança com a base é preciso se colocar no lugar do trabalhador, saber ouvir e passar confiança para que ele se sintam seguros”, Simone Aparecida Vieira, CSE na Ford

“A classe trabalhadora luta pela igualdade de direitos e por uma sociedade mais justa e fraterna, por isso, a luta sindical só faz sentido se homens e mulheres estiverem juntos. Essa solidariedade de gênero é o que faz a diferença no chão de fábrica e nas ruas”, Rosimeire Conceição Pinto, a Rosi, CSE na Volks

“O curso Sindicato e Cidadania está aberto para todos e todas que queiram adquirir conhecimento, tanto na vida social quanto na fábrica. Sou formadora voluntária e o curso dá a oportunidade de fazer o debate mais embasado e de forma segura. Faço o convite para que participem”, Valéria da Silva, CSE na Apis Delta

“Nós mulheres somos mais de 50% na sociedade. No entanto, não somos ainda representadas no mesmo percentual nas Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas, Congresso e em outras esferas de poder e decisão da política brasileira. Temos que nos empoderar”, Maria José da Silva Modesto, CSE na GL Legrand (SMS)

“A licença maternidade de 6 meses foi ótima para mim e para o bebê, que está super saudável. Se o Comitê não ficar de olho e não for para cima, a reforma Trabalhista pode prejudicar a saúde de muitas mães e filhos com a permissão da grávida e de quem está amamentando trabalhar em local insalubre”, Maria José Calixta da Silva, CSE na Ardeb

“Desfrutar dos 180 dias de licença maternidade é primordial para a mãe e o bebê, mas a volta para o trabalho é sempre um desafio para os dois. Tem o lado profissional da mulher que supre as necessidades do lar, mas têm também as necessidades do bebê que precisa da mãe”, Aparecida Maria de Melo, a Cida, CSE na Legas Metal, grávida de 6 meses

“A participação das mulheres como cipeiras é mais uma forma importante de interação com os trabalhadores, essencial para que elas assumam mais responsabilidades, além de ser uma porta de entrada para novas dirigentes”, Claudia Alexandra Rodrigues, a Peixão, CSE na Apis Delta

“Somos maioria no mundo, então temos que fortalecer a luta e nos mobilizar sempre que acharmos que estamos sendo lesadas por governos machistas. A participação feminina nas mobilizações, atos e greves é essencial para a defesa dos direitos”, Márcia Maria de Paula Rego, CSE na Papaiz

“Cultura é tudo aquilo que inclui o conjunto de conhecimento, artes, crenças, hábitos e aptidões do ser humano. Temos um grupo de pessoas no Sindicato que integram o Coletivo de Cultura para debater e participar de atividades culturais. A mulher deve participar também dessas discussões”, Cornélia Neta Silva de Góis, a Nélia, CSE na Ifer

“Quando entrei para trabalhar na estamperia, eram só mulheres no setor, hoje somos apenas duas em meio a cerca de 60 homens. Infelizmente percebemos que ainda há muita discriminação, inclusive salarial. Temos que lutar contra isso”, Maria Betânia Alves da Silva, CSE na Paschoal

“Nós dirigentes precisamos estar preparadas e capacitadas para fazer o enfrentamento com a empresa nas negociações. Só assim conseguiremos garantir direitos e reajustes e também esclarecer as dúvidas dos trabalhadores que nos procuram”, Judith Alves da Fonseca, CSE na Valeo

Saiba mais

MARÇO DE LUTA PARA A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES
PARTE 5

No campo profissional, as mulheres enfrentam historicamente imensos desafios, destacam-se entre eles, o salário desigual para as mesmas funções, a execução de tarefas menos qualificadas, o assédio evidenciado pelo controle de idas ao banheiro, provocações sexuais, punições frequentes e as difíceis condições de trabalho.

Desde o final do século XIX, no Brasil, temos a participação feminina nas lutas por direitos, realizadas pela classe trabalhadora. Na Greve Geral de 1917, já no século XX, as tecelãs reivindicavam melhores condições de trabalho e denunciavam abusos sexuais sofridos nas fábricas.

No entanto, naquela ocasião, apesar de grande parte da massa trabalhadora ser composta por mulheres, a presença feminina ainda era muito escassa nos sindicatos, assumido como um ambiente majoritariamente masculino. A crescente participação das mulheres no mundo sindical vai se dando graças à construção gradativa de uma mudança cultural. Ainda hoje, porém, essa é uma meta a ser consolidada.

A resistência feminina se dá em vários espaços, mas nem sempre ela é canalizada para instituições como os sindicatos que teriam condições de fortalecer e empoderá-las.

Temos um nível de participação menor do que poderíamos ter. E uma tarefa maior do que parece ser.

Mais que lutar para ultrapassarmos divisões entre trabalho manual e intelectual e a hierarquização entre mais qualificados e menos, a luta de classes exige uma discussão específica que diz respeito às diferenças que compõem a classe. Essa discussão só será levada adiante se as mulheres estiverem envolvidas na vida sindical. Portanto, mulheres, ao Sindicato!

Comente este artigo.

Envie um e-mail para formacao@smabc.org.br

Departamento de Formação

Tribuna Esportiva



Mulheres jornalistas lançaram a campanha contra o assédio com o tema “Deixa ela trabalhar”. O movimento surgiu após mais um caso de agressão na imprensa esportiva.



Em vídeo, o recado da campanha é “Só queremos trabalhar em paz. O esporte também é um lugar nosso. Respeite nossa voz e nossas escolhas”.



Em fase final de preparação para a **Copa América de Futebol Feminino**, a seleção embarca para o Chile. A estreia será contra a **Argentina** no dia 5.



A tenista brasileira nº 1, **Bia Haddad Maia**, encerrou sua participação no **WTA Premier Miami** após campanha inédita ao alcançar a terceira rodada do torneio.



No aberto de Buenos Aires de **Judô**, dobradinha das brasileiras no peso médio, com **Barbara Timo** (foto) campeã e **Amanda Oliveira** vice. No peso pesado, ouro para **Rochelle Nunes**.



A trabalhadora e sindicalista Rose Zehmer, conhecida como “o lobo branco”, fotografada em março de 1938, durante greve na fábrica Citroën-Javel, na França

UMA HISTÓRIA SOBRE A LUTA SINDICAL FEMININA

Apesar dos números que demonstram que as trabalhadoras eram maioria nas fábricas no fim do século 19 e início do século 20, poucos documentos dão conta da efetiva luta das mulheres no movimento sindical no Brasil e no mundo.

Parte dessa trajetória é relatada pelo jornalista Isaiás Dalle no livro “1917 a 2017: 100 anos de greve geral passado ou futuro?”. O próprio pesquisador questiona a dificuldade para encontrar dados sobre o protagonismo feminino nas lutas nas fábricas.

As mulheres eram a maioria nas fábricas de São Paulo. Em 1872,

representavam 72% nas indústrias nacionais. Sendo assim, a Greve Geral de 1917, que paralisou São Paulo e se espalhou pelo País teve ampla participação feminina, ao menos em números, conforme observou o autor.

Antes do início da Greve Geral, uma comissão provisória de agitação foi constituída por Rosa Musitano, Antonia Soares e Encarnación Mejia e três homens. Paridade de gênero à época.

Anos depois, elas lideraram uma ação coletiva, que resultou na aprovação do Decreto do Trabalho das Mulheres, aprovado em 1932, sob o

primeiro governo de Getúlio Vargas. Entre as mudanças, estava a licença maternidade e a igualdade salarial.

Outra iniciativa foi a criação das Juntas de Conciliação e Julgamento que pela primeira vez na história nacional, garantia direito às mulheres de reivindicar reparações ou o cumprimento do dever por parte dos patrões sem a necessidade de permissão de maridos ou pais.

A presença da mulher no mercado de trabalho recuou nos anos seguintes. Em 1950, segundo o IBGE, eram 23% do total, bem diferente do cenário no início do século.

PARIDADE DE GÊNERO NA CUT

A CUT aprovou no 11º Congresso, em 2012, a paridade de gênero, 50% de mulheres e 50% de homens em sua direção.

COMPANHEIRA NA VOLKS DESTACA A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO NO CHÃO DE FÁBRICA



“Comecei a participar da militância dos trabalhadores por brigar muito pelos direitos. Qualquer problema ou dúvida converso com os representantes, que vão organizar a luta a favor dos trabalhadores. Meu marido e eu trabalhávamos no 3º turno e temos uma filha de 16 anos. Conversei com a Rosi do CSE, que correu atrás e mudei para o 1º turno para acompanhar de perto a minha filha. As mulheres entendem melhor a dificuldade das jornadas, o trabalho acaba, mas começa outra jornada em casa”, **Maria Helena de Souza**, trabalhadora no setor de cockpit da Volks, há 8 anos.